Dia 12 — São Sabas, Mártir

Foi São Sabas godo de nascimento, daquela parte da Gótia mais vizinha à Cítia, onde se achavam muitos cristãos convertidos à religião católica desde o tempo do grande Constantino e de seus filhos, antes que aquelas nações padecessem a desgraça de precipitar-se no arianismo.

Educado Sabas desde o berço no seio da religião cristã, seguiu fielmente todas as suas piedosas máximas, arranjando constantemente seus costumes pela pauta e pelo espírito da lei santa de Deus.

Seu natural doce, afável e sempre benéfico fê-lo dono de todos os corações. Inimigo dos vícios tão ordinários em sua idade e dos defeitos comuns às gentes de seu país, a nada tomava gosto senão aos exercícios da religião. A pureza foi sempre a virtude de seu carinho, e singular sua devoção à Rainha dos anjos. Havia feito uma espécie de pacto com seus olhos de não os pôr em nenhuma mulher. A modéstia, o fugir das ocasiões, a mortificação e a oração foram as piedosas indústrias de que se valeu para conservar sua inocência; e, ainda que criado no meio de um povo bárbaro, grosseiro e duro, a piedade cristã o civilizou tanto e o fez tão urbano que era a admiração daquelas gentes, propondo-o todos por exemplar e por modelo.

Como todas as virtudes cristãs têm entre si uma mútua conexão, a afabilidade, a humildade e a paciência eram em parte como o distintivo de nosso santo. A epístola que a Igreja da Gótia escreveu sobre seu martírio a todas as igrejas católicas, e assinaladamente à da Capadócia, diz que São Sabas sobressaía visivelmente entre os godos por sua eminente virtude, por seu zelo da religião e por sua ardente caridade. Pouco versado nas letras, mas muito instruído na ciência dos santos, confundia os idólatras com seus arranjados costumes e com a eloquência muda de seus exemplos. Muito oficioso com todos, muito pontual em assistir aos ofícios divinos, muito zeloso da honra da religião e dos progressos da Igreja, sem ultrapassar os limites de seu estado, fazia obras de apóstolo sem exercer as funções de pregador.

Bastante rico em bens de fortuna por seu patrimônio, mas pobre de espírito pelo desprezo com que os olhava, não havia para ele outro tesouro que a santa cruz, e ali tinha seu coração onde tinha seu tesouro. Havia-se posto em interdito a toda espécie de diversão; sua vida era um exercício contínuo de mortificação e penitência; orava sem cessar e jejuava todos os dias; inspirando-lhe sua viva fé e sua ardente caridade um gênero de valor superior a todos os perigos. Antes de dar a vida pela fé, haviam-se oferecido diferentes lances em que se mostrou esforçado e generoso defensor da Religião. Este é à letra o retrato de nosso santo que faz a Igreja da Gótia naquela epístola tão cheia de edificação que escreveu acerca de seu glorioso martírio.

No ano de 370 começou a perseguição que com tanta violência e crueldade excitou Atanarico, rei dos godos. Achava-se este príncipe em guerra com outro soberano de sua nação, chamado Fritigerno, o qual, não podendo resistir ao poder de suas armas, recorreu à proteção do imperador Valente; e, para obrigá-lo mais, fez-se cristão, ainda que da mesma seita que professava o

imperador, isto é, do arianismo. Vencido Atanarico pelo exército imperial e furiosamente irritado pela derrota que acabava de padecer, descarregou toda a sua cólera contra aqueles vassalos seus que ele tratava de romanos, entendendo por este nome os cristãos, resolvido a exterminá-los de todo ou a reduzi-los às superstições da idolatria.

Foi cruel a perseguição. Aquele bárbaro rei tirou a vida a uns depois de examinados pelos juízes e de haver recebido de sua boca, diz Sozômeno, uma generosa confissão da fé, e a outros sem dar-lhes lugar nem para abrir a boca; porque por ordem sua se levava um ídolo sobre um carro por todos os lugares onde se suspeitava que havia cristãos, e todos os que não o adoravam eram imediatamente passados a cutelo ou queimados com suas habitações.

Refugiou-se em certa igreja grande número de homens e mulheres, levando consigo seus pequeninos filhos: chegaram os pagãos, atearam fogo ao templo e todos ficaram consumidos nas chamas.

Mas o mais ilustre de todos aqueles mártires foi São Sabas. Corridos, e até horrorizados, os mesmos magistrados gentios de tão cruel carnificina, contentaram-se com mandar que todos os habitantes comessem as viandas consagradas aos ídolos, persuadindo-se de que o disfarce ou a conivência dos juízes inferiores salvaria a muitos a vida. Alguns pagãos do lugar onde vivia São Sabas, ao mesmo tempo que ofereciam vítimas aos ídolos, quiseram assegurar com juramento que naquele lugar não havia cristão algum, fazendo-o por uma espécie de amor ou de compaixão aos fiéis, que por este meio pretendiam subtrair às pesquisas dos comissários. Não pôde sofrer nosso Sabas aquele oficioso perjúrio; e, cheio daquele espírito religioso que aborrece toda simulação, abrasado daquela caridade ardente que suspira pelo martírio, ele mesmo foi apresentar-se à assembleia, gritando em alta voz que se guardassem bem de jurar por ele, porque publicamente declarava e protestava a todos que era cristão. Vendo-o tão determinado e tão resoluto os gentios, contentaram-se com jurar perante o comissário que naquele povo não havia outro cristão que Sabas. Foi citado este ao tribunal e compareceu nele com tanta resolução e com tanta alegria que ficou aturdido o mesmo oficial gentio. Perguntou que bens tinha e, havendo-se-lhe informado que não tinha outros que o vestido que trazia às costas, não se dignou nem passar adiante no interrogatório e contentou-se com desterrá-lo do lugar como a um infeliz mendigo.

No ano seguinte acendeu-se a perseguição ainda com maior violência que antes; e, como o cura da aldeia onde se havia retirado Sabas, chamado Sansalo, por medo dela se tivesse escondido, determinou nosso santo passar a celebrar a Páscoa em outra aldeia, onde havia um cura por nome Gutica. Apenas se pôs a caminho, saiu-lhe ao encontro um homem cheio de majestade e de estatura mais corpulenta que a regular, o qual lhe aconselhou que voltasse a sua aldeia, assegurando-lhe que encontraria nela Sansalo. Fazendo Sabas pouco caso do conselho daquele homem não conhecido, prosseguiu seu caminho; mas, ainda que o tempo estava então muito sereno, caiu de repente tão grande golpe de neve que não lhe foi possível passar adiante. Conheceu então que era do céu aquele aviso e, retrocedendo ao ponto para obedecer-lhe, restituiu-se a sua aldeia, onde encontrou já o bom cura Sansalo, em cuja companhia celebrou a Páscoa com especial ternura e devoção. Na noite da terça-feira seguinte, estando no leito, foram presos por uma patrulha de soldados idólatras, à frente dos quais vinha por oficial Atarido, filho de Rotesto, um dos senhores principais do país.

Permitiram a Sansalo que se vestisse e logo o puseram sobre um carro; mas a Sabas, tirando-o da cama quase de todo desnudo, levaram-no arrastando por pedras, por espinhos e por sarças: e, não contentes com isto, foram-no golpeando cruelmente com varas e com paus por todo o caminho. Mas sua paciência foi maior que a crueldade daqueles ímpios verdugos, dignando-se o Senhor glorificá-la por um milagre; porque pela manhã achou-se inteiramente são de suas feridas, sem sinal da mais leve contusão; tanto que ele mesmo zombava dos soldados, perguntando-lhes onde estavam os sinais dos tormentos que lhe haviam dado. Irritou-os imponderavelmente esta animosa serenidade e, amarrando-lhe os braços a um eixo de um carro e os pés a outro, estenderam-no de bruços e deixaram-no muitas horas neste horrível tormento. Despertaram depois a hospedeira da casa para que lhes dispusesse que almoçar enquanto eles iam dormir e deram com isto lugar à compassiva mulher para que desatasse nosso santo; mas, longe este de aproveitar-se daquela liberdade para escapar-se, com grande paz e sossego a ajudou a dispor o almoço para seus inimigos.

Logo que amanheceu, ficaram aturdidos aqueles bárbaros da intrepidez e da resolução do animoso Sabas; mas, mais encarniçado o cruel Atarido, mandou que lhe atassem as mãos e que, já que gostava tanto de estar naquela casa, o pendurassem de uma viga do portal. Trouxeram depois seu companheiro Sansalo e, apresentando-lhes algumas viandas consagradas aos ídolos, ordenaram-lhes da parte de Atarido que as comessem. «Bem podeis — respondeu-lhes Sansalo — pôr-me numa cruz e tirar-me a vida ao rigor dos mais cruéis tormentos; mas perdeis o tempo solicitando que cometa tão sacrílego delito.» «Olhai — replicaram os soldados — que o manda o senhor Atarido.» «E quem é esse senhor Atarido — disse-lhes Sabas — que tem atrevimento para mandar que se faça o que Deus proíbe? Não é Deus o soberano dono a quem todos devemos obedecer? Ide e dizei a vosso senhor Atarido que Deus manda expressamente que não se comam manjares impuros, mais próprios para dar a morte que para sustentar a vida, com os quais só se podem sustentar os idólatras, tão sujos e tão profanos como eles.»

Ao ouvir estas palavras, um criado de Atarido, aceso em furiosa cólera, passou-lhe pelo meio do ventre um chuço pontiagudo que tinha na mão, com tanta violência que, havendo-o estendido em terra, o creram morto; mas, tendo-se levantado o santo: «Sem dúvida — disse ao criado, sorrindo-se — que já me creias no outro mundo; pois vês-me aqui bom e são pela graça de meu Senhor Jesus Cristo, e sabe que apenas senti o golpe.»

Informado Atarido do que se passava, não é ponderável a raiva que se apoderou dele e mandou que ao instante tirassem a vida a nosso santo. Pegaram-no ao ponto os soldados e levaram-no à margem do rio Musova para afogá-lo, depois de haver posto em liberdade Sansalo. São Sabas, que estava persuadido de que a maior dita que se pode lograr neste mundo é dar a vida por amor de Jesus Cristo, considerava aquela liberdade de seu companheiro como a mais funesta desgraça; e, voltando-se aos soldados, disse-lhes: «Que delitos cometeu esse santo sacerdote para que o priveis do consolo e da glória de morrer comigo por tão justa causa?» «Isso não te importa a ti — responderam-lhe os verdugos — e descuida do que não te toca.» Então São Sabas, penetrado do mais vivo reconhecimento, bendisse mil vezes o Senhor pela graça que lhe fazia de dar a vida por ele.

Quando chegaram à margem do rio, moveram-se a compaixão os soldados e disseram uns aos outros: «A que fim havemos de tirar a vida a este inocente? Demos-lhe liberdade, que escape e se esconda, pois será fácil que Atarido jamais entenda palavra.» Ouviu o santo o que tratavam e, agradecendo-lhes a boa vontade, disse-lhes: «Executai o que se vos mandou, porque de outra maneira me daríeis um desgosto. Já estou vendo os que vêm conduzir-me à glória; e, se vós vísseis o que eu, não pensaríeis em privar-me de uma coroa que há de ser minha eterna felicidade.» Com isto o precipitaram no rio, e deu fim a seu glorioso martírio na quinta-feira de Páscoa, 12 de abril de 372. Lançaram-no com um grosso madeiro ao pescoço, para que se afogasse mais depressa, e com isso foi mais fácil tirar à terra o santo corpo. Deixaram-no os verdugos na margem, onde o respeitaram as aves e as feras, cuidando depois os fiéis de recolhê-lo e enterrá-lo. Júlio Sorano, general das armas romanas naquela fronteira, homem muito piedoso, pôde facilmente conseguir dos godos este preciosíssimo tesouro, que enviou prontamente a seu país, que era o da Capadócia, a cuja Igreja chegaram quase ao mesmo tempo que as santas relíquias as atas de seu martírio escritas pela Igreja goda.

São Vítor, Mártir

Neste dia faz comemoração o Martirológio Romano de São Vítor, ilustre mártir de Jesus Cristo, a quem Braga, cidade da antiga Galiza, agora do reino de Portugal, celebra com toda a solenidade no dia 12 de abril, entre outros esclarecidos santos, seus naturais. No breviário e missal segundo a regra de Santo Isidoro, impressos em Toledo nos anos 1550 e 1552, prescreve-se o ofício deste santo com nove lições, que são um compêndio das atas de sua paixão, distribuídas nos breviários antigos de Braga, Évora e Compostela: por cujos monumentos, e pelo que escreve Ambrósio de Morales, com outros da nação, nos consta que, no tempo da cruel perseguição que suscitaram contra a Igreja Diocleciano e Maximiano, havendo-se congregado uma multidão de gentios para oferecer sacrifício a um ídolo perto do rio Mante, hoje Cávado, onde tinham um templo de grande veneração, não muito distante da cidade de Braga, aproximando-se Vítor daquele lugar, vendo-o os pagãos que obrigavam todos os concorrentes a sacrificar, convidaram o santo, sendo ainda catecúmeno, a que oferecesse incenso à divindade e a que adornasse a estátua com coroas de flores, segundo faziam os demais. Mas, cheio Vítor de um zelo santo pela religião verdadeira, respondeu-lhes: «Vós vos alegrais com estes ritos festivos, e parece-vos o ídolo assim adornado muito belo e formoso; mas eu não só o julgo, mas o vejo feio, vil e imundo.» Apenas acabou de pronunciar estas palavras, enfurecidos os gentios carregaram sobre ele e, amarrando-o com a maior crueldade, tumultuados o apresentaram ao governador. Antes que este lhe perguntasse pela causa de sua prisão, principiou o santo a clamar em alta voz: «Eu sou cristão e não reverencio a outro Deus que o que venera minha religião.» Mandou açoitá-lo o governador e aplicar-lhe várias classes de tormentos; mas, quanto mais se multiplicavam estes, tanto mais crescia o valor de Vítor, pregando sem cessar: «Eu sou cristão e jamais deixarei o nome de Jesus Cristo, meu Deus.» Insistiu nesta confissão, até que, vendo o juiz inúteis os castigos para render a constância daquele esforçado militar do Senhor, providenciou que o decapitassem, e foi batizado com o batismo de seu sangue pelos anos de 303. Depois que cessou o rigor da perseguição, edificaram os fiéis um templo em honra de São Vítor, perto do rio dito, distante como mil passos da cidade de Braga,

onde se crê que foi o lugar de seu glorioso combate.

Martirológio Romano

Em Verona, o martírio de São Zenão, bispo, que no meio das borrascas da perseguição governou aquela Igreja com admirável constância e alcançou a coroa do martírio no tempo do imperador Galieno.

Na Capadócia, São Sabas, godo, que foi arrojado a um rio no tempo do imperador Valente, quando Atanarico, rei dos godos, perseguia os cristãos. Neste mesmo tempo, segundo escreve Santo Agostinho, foram coroadas com o martírio numerosas tropas de godos católicos.

Em Braga, em Portugal, São Vítor, o qual, não sendo mais que catecúmeno, como resistisse a adorar os ídolos e confessasse Jesus Cristo com admirável fortaleza, depois de muitos tormentos foi decapitado, merecendo ser batizado com seu próprio sangue.

Em Fermo, na Marca de Ancona, Santa Visa, virgem e mártir.

Em Roma, na via Aurélia, São Júlio, papa, que trabalhou muito contra os arianos em defesa da fé católica e, depois de haver-se feito esclarecido por sua santidade e memoráveis ações, descansou em paz.

Em Gap, São Constantino, bispo e confessor.

Em Pavia, São Damião, bispo.

Missa (oração)

A missa é da dominica precedente, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Præsta, quæsumus, omnipotens Deus, ut qui beati Sabæ martyris tui natalitia colimus, intercessione ejus in tui nominis amore roboremur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Rogamos-vos, ó Deus onipotente, que nos fortaleçais no amor de vosso santo nome, por intercessão de vosso bem-aventurado mártir Sabas, cujo nascimento para a glória reverenciamos hoje solenemente. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do apóstolo São Paulo aos Tessalonicenses (o original diz «capítulo 4», mas o texto é de 1 Tessalonicenses 1,4-8).

1 Tessalonicenses 1,4-8

> **Latim:** 4 scientes, fratres dilecti a Deo, electionem vestram : 5 quia Evangelium nostrum non fuit ad vos in sermone tantum, sed et in virtute, et in Spiritu Sancto, et in plenitudine multa, sicut scitis quales fuerimus in vobis propter vos. 6 Et vos imitatores nostri facti estis, et Domini, excipientes verbum in tribulatione multa, cum gaudio Spiritus Sancti : 7 ita ut facti sitis forma omnibus credentibus in Macedonia, et in Achaia. 8 A vobis enim diffamatus est sermo Domini, non solum in Macedonia, et in Achaia, sed et in omni loco fides vestra, quæ est ad Deum, profecta est ita ut non sit nobis necesse quidquam loqui.

Português: 4 porque sabemos, amados irmãos, que a vossa eleição he de Deos. 5 Por quanto o nosso evangelho não foi pregado a vós-outros sómente de palavra, mas tambem com eficácia, e em virtude do Espírito Santo, e em grande plenitude, como sabeis quae nos fomos entre vós por amor de vós. 6 E vós vos fizestes imitadores nossos, e do Senhor, recebendo a palavra com muita tribulação, com gozo do Espírito Santo: 7 de tal sorte que vos haveis feito modelo a todos os que abraçárão a fé na Macedonia, e na Acaia. 8 Porque por vós-outros foi divulgada a palavra do Senhor, não só na Macedonia, e na Acaia, mas tambem se propagou com grande boato por todas as partes a fé que tendes em Deos, de sorte que nós-outros não temos necessidade de dizer cousa alguma.

Nota

«Tendo pregado São Paulo com incrível fruto a fé de Jesus Cristo em Tessalônica, metrópole da Macedônia, irritados os judeus que havia naquela cidade, determinaram perdê-lo. O santo, para deixar passar a tempestade, resolveu retirar-se com Silas; e, achando-se em Corinto, teve notícia por Timóteo da fidelidade com que os tessalonicenses perseveravam na fé; com cuja ocasião lhes escreveu esta admirável carta, que, na ordem de tempo, é a primeira das que escreveu o Apóstolo, havendo-se escrito no ano 52 de Jesus Cristo.»

Reflexões

Fratres dilecti a Deo: irmãos meus amados de Deus. Pode haver título mais glorioso, ditado mais nobre, de maior honra, de maior utilidade, que lisonjeie melhor uma generosa ambição, uma ambição bem nascida? Amado de Deus significa uma predileção que distingue, um amor que comunica mérito, uma ternura da parte de Deus que põe o cúmulo à felicidade. Ser amados dos grandes é ser favorecidos, mas nem sempre é ser ditosos e felizes. A emulação, as inquietações e a desgraça seguem de perto o favor. A amizade de Deus produz os efeitos contrários: dela nasce a caridade, a paz, o fervor, a perseverança, e é o manancial de todo gênero de bens.

Irmãos meus amados de Deus. Assim chamava São Paulo os tessalonicenses por sua vocação à fé no meio de uma nação idólatra. Sabemos, acrescenta o Apóstolo, que fostes singularmente escolhidos, com preferência a tantos outros que ficaram sepultados nas espessas trevas do gentilismo: *Scientes electionem vestram.* E não temos nós, pela misericórdia do Senhor, igual direito ao mesmo título? Não se nos poderá chamar amados de Deus, sabendo-se a predileção com que fomos escolhidos? Que graça! Que favor tão insigne haver nascido no seio da Igreja, de pais cristãos, católicos e virtuosos! Bem se nos poderá chamar com o apóstolo São Pedro: Família escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido por conquista, para dar a conhecer as perfeições daquele Senhor que nos tirou das trevas à admirável claridade de sua luz. Mas poder-se-á igualmente dizer de nós o que São Paulo dizia dos tessalonicenses: Sois modelo, sois exemplar de todos os fiéis; vossa fé não é estéril nem imperfeita, mas viva, animada e fecunda em boas obras; vossa caridade não é tíbia, nem covarde, que se renda à menor tentação, mas ativa e laboriosa, ocupada sempre no cuidado de agradar a Deus, sempre empregada em proveito do próximo e na salvação das almas? Meu Deus, é certo que temos as mesmas obrigações que aqueles primeiros fiéis; mas as desempenhamos com o mesmo ardor, com a mesma fidelidade? E poderemos esperar com fundamento merecer algum dia a mesma recompensa? Forma-se uma grande ideia de nossa fé e de nossa caridade à vista de nossa conduta? Honram nossos costumes a religião que professamos? Havendo sido tão amados de Deus, correspondemos a este grande Deus com um coração muito terno e amoroso?

Mas, se entre todos os cristãos há alguns singularmente amados de Deus, não são as pessoas religiosas as que podem ser chamadas aquele pequeno rebanho a quem aprouve ao Pai celestial comunicar seu reino? Elas são propriamente a porção mais favorecida da herança de Jesus Cristo. Que agradecimento não se deve ter a tão insigne benefício! Qual deve ser a fidelidade e a perfeição destas almas escolhidas! Que espírito em todos os atos de religião! Que fervor em seus exercícios espirituais! Que pureza em seus costumes! Que circunspeção, que gravidade, que edificação em seu porte! O povo judeu, o povo querido de Deus, aquele em cujo favor obrou o Senhor tantas maravilhas, por sua ingratidão e por sua infidelidade é hoje o objeto mais assinalado da cólera terrível do mesmo Deus.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 14 de São João.

João 14,21-24

> **Latim:** [21] Qui habet mandata mea, et servat ea : ille est qui diligit me. Qui autem diligit me, diligetur a Patre meo : et ego diligam eum, et manifestabo ei meipsum. [22] Dicit ei Judas, non ille Iscariotes : Domine, quid factum est, quia manifestaturus es nobis teipsum, et non mundo ? [23] Respondit Jesus, et dixit ei : Si quis diligit me, sermonem meum servabit, et Pater meus diliget eum, et ad eum veniemus, et mansionem apud eum faciemus ; [24] qui non diligit me, sermones meos non servat. Et sermonem, quem audistis, non est meus : sed ejus qui misit me, Patris.

Português: [21] Aquelle que tem os meus mandamentos, e que os guarda : esse he o que me ama. E aquelle, que me ama, será amado de meu Pai: e eu o amarei tambem, e me manifestarei a elle. [22] Disse-lhe Judas, não o Iscariotes: Senhor, donde procede que te has de manifestar a nós, e não ao mundo? [23] Respondeo-lhe Jesus, e disse-lhe: Se algum me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e nós viremos a elle, e faremos nelle morada. [24] O que me não ama, não guarda as minhas palavras. E a palavra, que vós tendes ouvido, não he minha: mas sim do Padre, que me enviou.

Meditação

Dos defeitos que se acham no amor que se pensa ter a Deus

Primeiro ponto

Considera que a maior parte dos cristãos só se amam a si mesmos, ainda quando pensam que amam a Deus. Nada há que saiba disfarçar-se tão engenhosamente como o amor-próprio; vale-se de todo gênero de nomes e de todo gênero de máscaras; umas vezes é fervor, é caridade, é justiça; outras é devoção, é zelo; e muitíssimas sai ao teatro com o respeitável título de amor de Deus. Nunca está mais tranquilo o amor-próprio que quando se disfarça desta maneira, quando está abrigado e coberto com a capa da virtude.

Mas pergunto: será muito dificultoso descobri-lo e reconhecê-lo? O amor de Deus tem um caráter inimitável: é puro, é desinteressado, é generoso, é constante, é inimigo das paixões, é doce, é aprazível, é paciente, é mortificado, é humilde. O que é orgulhoso, imortificado, impaciente; o que só tem como uns relâmpagos de fervor e caprichos de devoção; o que só busca seu interesse, sua satisfação, sua própria glória: por mais que o afete, ou por mais que vãmente se o persuada a si mesmo, está muito distante do verdadeiro amor de Deus.

Encontram-se muitas pessoas que fazem profissão de amar a Deus e nunca estão de pior humor que quando o servem. Dominantes, enfadonhas, inquietas, pouco sofridas e até coléricas quando mais se lisonjeiam de amar a Deus, os dias solenes, os dias de comunhão não costumam ser para

elas os mais serenos. Parece que os exercícios mais santos lhes irritam mais a cólera. Semelhantes pessoas amarão a Deus verdadeiramente?

Os efeitos mais ordinários do amor de Deus são uma doçura inalterável, uma humildade sincera, uma paciência à toda prova: as adversidades o excitam, o fogo da perseguição o aviva mais, a mortificação o nutre e o alenta. É erro imaginar que o amor de Deus ignora as atenções da urbanidade, os deveres da sociedade humana e as obrigações da decência; não há nada mais atento, mais caritativo, mais cortesão nem até mais garboso que o verdadeiro amor de Deus. Os enfados nascem de um coração inquieto e agitado; o amor de Deus tranquiliza o coração e derrama nele um óleo, um celestial unguento que o abranda, o suaviza, o faz dócil, flexível e maneável. Aquela resignação perfeita à vontade do Senhor, aquela alegria espiritual, fruto necessário do amor divino, aquela paz interior que produz a inocência são as que causam a doçura inalterável, a generosidade, a magnanimidade, o alento, aquele formoso conjunto de virtudes que brilham nos que amam a Deus verdadeiramente. Estes são os sinais do verdadeiro amor de Deus: conheces o teu por estes sinais? Amas a Deus com pureza de intenção, com perseverança, com fidelidade? Meu Deus, quantas ilusões, quantos enganos se padecem na devoção!

Segundo ponto

Considera que em ponto de devoção e de amor de Deus se equivoca muitas vezes o especulativo com o prático, e se reputam por movimentos do coração os que são puramente especulações do entendimento. Conhece-se quão digno é Deus de ser amado, assombra-se um do pouco que se o ama; e, deslumbrado com estes justos e piedosos ditames, que não saem da esfera da razão, imagina que o ama verdadeiramente. Muitos são os que vivem enganados, e algum dia ficarão surpreendidos quando virem e quando apalparem que seu amor de Deus não era mais que em ideia, porque os domínios do coração são independentes dos do entendimento.

Conhece-se muito bem que Deus merece ser amado; confessa-se que é um prodígio de ingratidão não amá-lo; mas amar-se-á precisamente porque se discorra e se fale desta maneira? Logo o desmentiria o próprio coração. A caridade, diz São Paulo, é paciente, está cheia de bondade; não é invejosa, nada sabe fazer mal; não é orgulhosa, não se ensoberbece, não busca seu próprio interesse; não é arrebatada nem colérica; não julga mal de pessoa alguma, não se alegra do dano alheio, das pesadumes dos outros; antes celebra todos os gostos, todas as prosperidades de seus irmãos; é dócil, é humilde, é aprazível e constante. Vê se tua devoção e se teu amor de Deus se parecem com este retrato.

Amas a Deus, dizes, e de todo o teu coração, porque este é o primeiro mandamento e a base de todos os demais; mas nada sabes padecer por amor de Deus. Amas a Deus, mas tratas com desabrimento o próximo e não acertas a reconciliar-te com teu irmão. Amas a Deus, mas em mil ocasiões e com o mais leve motivo atropelas seus mandamentos, preferes tuas inclinações a sua vontade, sacrificas os interesses de Deus, tua consciência e tua religião a teus próprios interesses, a tuas paixões, a tua glória. Amas a Deus, e atrever-te-ás a defender esta proposição em seu divino tribunal? É amar a Deus amar as honras, os prazeres e não amar-se mais que a si mesmo? Dessa maneira muitos poderiam dizer que amam a Deus: e não serás tu deste número?

Consultemos mais nossas operações que nossos ditames e nossos conhecimentos. Para isso era mister poder dizer a Cristo com São Pedro: Senhor, bem sabeis vós que vos amo; vós não vos podeis enganar e conheceis que meu coração está abrasado de um vivo e aceso amor vosso. Era mister que nossa humildade, nossa paciência, nossa doçura, nossa mortificação, nossa caridade com o próximo, nosso fervor, nossa perseverança pudessem assegurar-nos que amávamos a Deus: qualquer outro testemunho nesta matéria é suspeito; nem o mesmo Deus entende outra linguagem.

Ah, Senhor, e por quanto tempo vivi miseravelmente enganado, crendo que vos amava! Tantos, tão multiplicados e tão grosseiros defeitos puderam abrir-me os olhos para conhecer minha ilusão, se tivesse sido menos voluntária. Mas, pois vos dignais fazer-me a graça de que conheça o pouco que vos amei até aqui, fazei-me a de que vos ame com todo o meu coração desde este mesmo instante.

Jaculatórias

> *Quis nos separabit a charitate Christi: tribulatio, an angustia?* Rm 8.

Não me separará jamais do amor de meu Senhor Jesus Cristo a angústia nem a tribulação.

> *Certus sum quia neque mors, neque vita, neque creatura alia poterit nos separare a charitate Dei, quæ est in Christo Jesu Domino nostro.* Rm 8.

Certo estou de que nem a morte, nem a vida, nem outra alguma criatura me poderá apartar do amor de Deus, fundado em Cristo nosso Senhor.

Propósitos

1. O amor de Deus nunca é ocioso nem covarde; até na mesma quietude acha exercício. Este sagrado fogo que o Salvador veio acender no mundo apaga-se logo que deixa de obrar: é mister que aqueça, que alumie, que abrase. Um coração frio, um espírito cego, uma alma sepultada em suas imperfeições não sentem, ou sentem pouco, o calor desta divina chama. Madalena está calada aos pés do Salvador, mas ela os rega com suas lágrimas, enxuga-os com seus cabelos, beija-os e derrama sobre eles um preciosíssimo bálsamo. É mister que as obras publiquem que se ama a Deus: qualquer outra voz não se deixa entender ou se percebe mal. O amor divino supera certamente todas as dificuldades. Aqueles que negam a Deus os pequenos sacrifícios que lhes está pedindo, como podem dizer que o amam? Tem hoje o consolo de provar-te a ti mesmo que amas a

Deus. Bem sabes o que te está pedindo há tanto tempo; teu confessor, teu coração e tua própria consciência to dizem claramente. Não tens que fatigar-te muito em buscar matéria para fazer-lhe um sacrifício: esse ressentimentozinho, essa diversão, essa paixão pelo jogo, essa visita pouco necessária, essa delicadeza, esse refinado gosto em vestir-te, em compor-te, em apresentar-te airosamente na rua. Oh, que matéria tão preciosa, e talvez tão necessária! Prostrado neste mesmo instante aos pés de um crucifixo, dize a teu Deus que puramente por seu amor queres ir logo visitar aquela pessoa que te ofendeu; que queres privar-te de tal visita, de tal concorrência, de tal jogo; que queres sacrificar-lhe tal gala, tal joia, dando-lhe esta pequena prova de que o amas. Amanhã não faltará ocasião de dar-lhe outra.

2. Nem as pessoas que fazem profissão de devotas devem julgar-se escusadas de semelhantes sacrifícios. Na verdade, as vítimas que podem sacrificar não são de tanto valor; mas nem por isso são de menor mérito, nem costuma custar menos o sacrificá-las. Não têm que oferecer concorrências profanas, paixão ao jogo, inimizades mal dissimuladas, adornos, enfeites excessivos; mas certo apego a algumas alfaias inúteis, ainda que curiosas; certa frieza ou indiferença, efeito ordinário de uma secreta emulação; certa imortificação, certa rusticidade e falta de criação, a desigualdade de humor, a falta de agrado, a sobra de delicadeza são vítimas que se podem e devem degolar. Determina desde logo a qual delas hás de aplicar a faca, dando hoje a teu Deus esta prova de teu amor e de teu zelo: um espelhinho, um adorno da cela, um móvel, uma alfaia demasiadamente curiosa darão bem que chorar na hora da morte a muitas almas religiosas, que a pouco custo poderiam contrair um grande mérito junto a Deus, privando-se delas em vida.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:47:02 by Admin
Updated 20 November 2026 20:47:02 by Admin